

IPATINGA (MG), PLANALTINA (DF) e URBITÁ (DF): Cidades Novas como arte – a moldura do quadro dita a regra

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

FERNANDES, Ana Carolina dos Santos

Graduanda; FAU/UnB
anakcaroldsf@gmail.com

PINTO, Francisco Ricardo Costa

Doutorando; PPG-FAU/UnB
ricardocosta.p.arq@gmail.com

MORAES, Lyvia Fialho Soares de Moraes

Doutoranda; PPG-FAU/UnB
lyv.fialho@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a morfogênese de três Cidades Novas (CNs) brasileiras, o município de Ipatinga (MG), a região administrativa de Planaltina (DF) e a futura cidade de Urbitá (DF), sob a ótica do emolduramento e do traçado. Partindo dos atributos do Projeto (Traçado) e da Necessidade (Função-Moradia), argumenta-se que seus desenhos urbanos, embora distintos em ideologia e época, foram condicionados por pré-existências. A pré-existência externa é formada por variáveis físicas e territoriais (topografia, hidrografia, limites fundiários e eixos estruturantes como ferrovias e rodovias), enquanto a interna é definida pela função-moradia (operários, candangos e novos moradores), que ditou a lógica do parcelamento e do tecido. Utilizando uma análise morfológica, o estudo demonstra que, nos três casos, longe de serem criações *ex nihilo*, essas CNs se comportam como obras em que a "moldura" do quadro, composta por esses limites físicos e demandas funcionais, atua como o elemento que, em primeira instância, dita a regra do desenho urbano.

Palavras-chave: Morfologia Urbana; Traçado; Limites Morfológicos; Cidades Novas.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This paper analyzes the morphogenesis of three Brazilian New Towns (NTs), the municipality of Ipatinga (MG), the administrative region of Planaltina (DF), and the future city of Urbitá (DF), through the lens of framing and urban layout. Based on the attributes of Project (Layout) and Necessity (Housing-Function), it argues that their urban designs, although distinct in ideology and era, were fundamentally conditioned by pre-existences. The external pre-existence consists of physical and territorial variables (topography, hydrography, land boundaries, and structuring axes like railways and highways), while the internal one is defined by the housing-function (workers, candangos, and new residents), which dictated the logic of the land subdivision and the urban fabric. Employing a morphological analysis, the study demonstrates that, in all three cases, far from being ex nihilo creations, these NTs behave as works where the “frame” of the painting, composed of these physical limits and functional demands, acts as the element that primarily dictates the rules of urban design.

Keywords: Urban Morphology; Urban Layout; Morphological Limits; New Towns.

RESUMEN

Este artículo analiza la morfogénesis de tres Ciudades Nuevas (CNs) brasileñas, el municipio de Ipatinga (MG), la región administrativa de Planaltina (DF) y la futura ciudad de Urbitá (DF), bajo la óptica del enmarcamiento y del trazado. Partiendo de los atributos del Proyecto (Trazado) y de la Necesidad (Función-Vivienda), se argumenta que sus diseños urbanos, aunque distintos en ideología y época, fueron condicionados por preexistencias. La preexistencia externa está formada por variables físicas y territoriales (topografía, hidrografía, límites fundiarios y ejes estructurantes como ferrocarriles y carreteras), mientras que la interna está definida por la función-vivienda (obreros, candangos y nuevos residentes), que dictó la lógica del parcelamiento y del tejido. Utilizando un análisis morfológico, el estudio demuestra que, en los tres casos, lejos de ser creaciones ex nihilo, estas CNs se comportan como obras en las que el “marco” del cuadro, compuesto por estos límites físicos y demandas funcionales, actúa como el elemento que, en primera instancia, dicta la regla del diseño urbano.

Palabras clave: Morfología Urbana; Trazado Urbano; Límites Morfológicos; Ciudades Nuevas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma leitura aproximativa da Morfogênese¹ de três Cidades Novas (CNs) brasileiras (Figura 1). Ipatinga (MG), Planaltina (DF) e a futura cidade Urbitá (DF), enfatizando de modo central o papel do emolduramento² territorial e das características dos traçados urbanos como princípios estruturadores de seus respectivos projetos.

Parte-se do entendimento de que o modo como cada cidade delimita, enquadra e se relaciona com o território, bem como a lógica geométrica, hierárquica e funcional de seus traçados, não constitui mero recurso formal, mas elemento determinante de sua configuração espacial e de sua morfogênese. Assim, o estudo evidencia como o desenho urbano, ao estabelecer limites, eixos, centralidades e sistemas viários, opera como instrumento ativo de organização do espaço e de definição da identidade urbana.

A ênfase no emolduramento territorial e nas lógicas dos traçados exige uma abordagem capaz de revelar aproximações e contrastes para além das evidências imediatas.

Nesse sentido, a pesquisa estrutura-se a partir do método “*Pensar por Atlas*” em estudos urbanos (Trevisan, 2018), que propõe a investigação cruzada de cidades que, à primeira vista, não apresentam proximidade evidente. Por meio de uma construção narrativa e aproximativa, o método possibilita a elaboração de uma composição analítica capaz de aproximar realidades distintas, evidenciando relações, contrastes e correspondências antes não explicitadas. Trata-se de um procedimento que articula imagens, formas e estruturas urbanas em perspectiva relacional, permitindo identificar recorrências, tensões e singularidades na constituição morfológica de cada caso e, assim, ampliar o campo interpretativo da análise.

A partir dessa estratégia metodológica, procedeu-se à aproximação das três CNs, o que permite compreender que, embora pertençam a contextos históricos, arranjos institucionais e finalidades distintas, estabelecem conexões quando analisadas sob a ótica dos agentes promotores e das lógicas organizacionais que condicionam a produção da forma urbana. Evidencia-se, assim, como

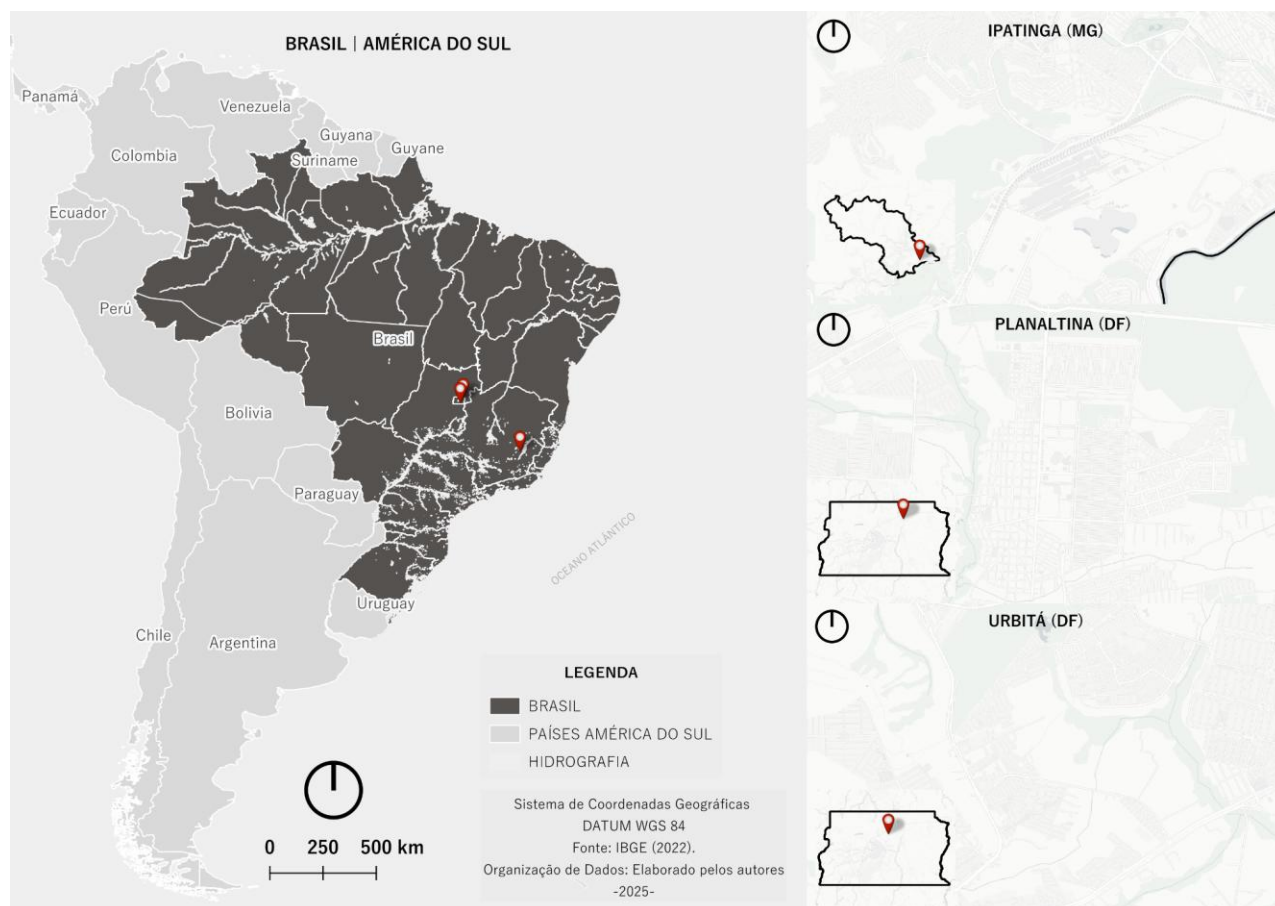
¹ A **Morfogênese** é tratada por Costa e Netto (2015) como a origem da forma e pode ser entendida como a configuração inicial das paisagens urbanas históricas.

² O **Emolduramento** é compreendido, neste estudo, como a operação projetual de delimitação e organização do território que, por meio de limites, eixos e sistemas estruturadores, orienta a inserção da cidade na paisagem e condiciona sua morfogênese.

PENSAR FORA DO EIXO

diferentes estruturas decisórias e projetos políticos se materializam em configurações espaciais específicas.

Figura 1. Mapas de localização das CNs estudadas.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Para sustentar essa leitura comparativa, a investigação ancora-se no repertório teórico-conceitual da Morfologia Urbana, mobilizando as categorias de Morfogênese (processo temporal), Traçado e Tecido como ferramentas físicas da análise dos projetos, com base em Panerai (2006) e Costa e Netto (2015). No debate sobre CNs, parte-se da provocação formulada por Trevisan (2020), ao afirmar que

é consenso: todas as cidades existentes já foram cidades novas em algum momento do passado, geradas a partir de circunstâncias – política, econômica, social e/ou cultural – específicas e implantadas sobre sítios de interesse (Trevisan, 2020, p. 63)

A afirmação desloca o entendimento das CNs de uma condição excepcional para uma condição processual, inserida na própria dinâmica histórica de formação urbana. Entretanto, para fins analíticos, adota-se a definição proposta pelo autor, que compreende as Cidades Novas como assentamentos intencionalmente concebidos e implantados a partir de uma decisão fundadora, distinguindo-se de processos de crescimento espontâneo. Segundo Trevisan (2020, p. 99), sua existência articula-se a seis atributos fundamentais: i) desejo; ii) necessidade; iii) lugar; iv) profissional; v) projeto; e vi) tempo. O autor ressalta ainda que as CNs tornam explícito seu processo formativo, evidenciando os componentes que condicionaram sua criação e materialização (Trevisan, 2020, p. 65), aspecto que oferece base consistente para a presente investigação.

Com isso em mente, o artigo se apropria em narrar através da análise do atributo v) *projeto* das três cidades, buscando entender como as pré-existências tiveram peso nas decisões projetuais de Traçado e Tecido³ das CNs, ou seja, quais aspectos que possuíam forças para emoldurar o projeto.

O artigo estrutura-se em cinco partes. Inicialmente, apresenta-se a seção introdutória, na qual se definem o recorte temático e os objetivos da investigação. Em seguida, desenvolve-se a apresentação acompanhada de um breve histórico das Cidades Novas (CNs) aproximadas. Na terceira seção, explicita-se o referencial teórico-metodológico que sustenta a análise. Posteriormente, expõem-se os resultados e as discussões, com ênfase nas manifestações do enquadramento interno e externo das respectivas CNs. Por fim, apresentam-se as considerações finais, retomando o percurso investigativo e sintetizando os principais achados.

2 IPATINGA (MG), PLANALTINA (DF) E URBITÁ (DF)

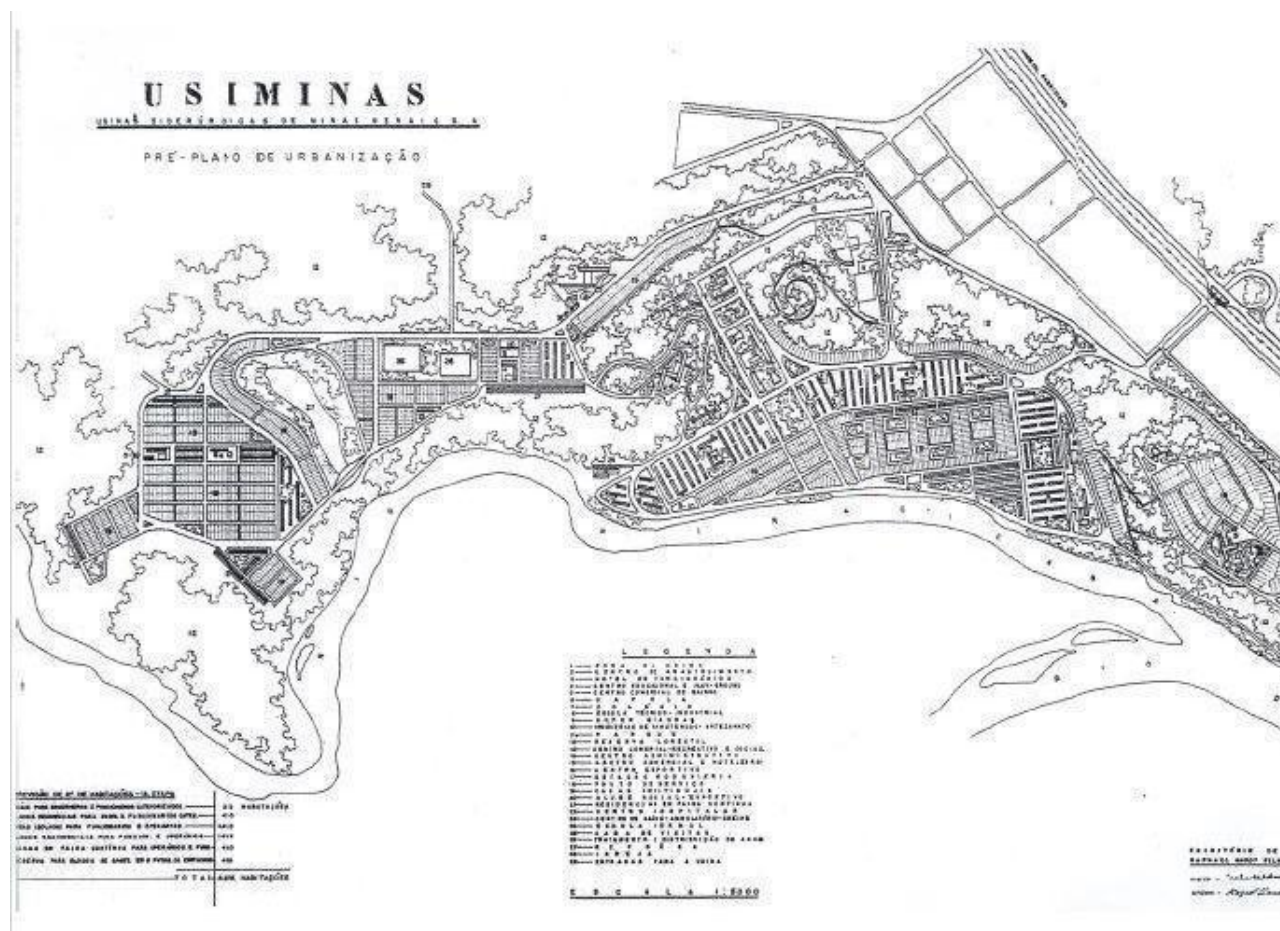
A CN de Ipatinga foi planejada para receber a Usina Siderúrgica de Minas Gerais (USIMINAS), alinhada ao contexto político-econômico do Brasil nos anos 1950, especialmente ao Plano de Metas de Juscelino Kubitschek. Foi fundada em 1956, então no território de Coronel Fabriciano, sendo a área que posteriormente daria origem ao município, a empresa passou a integrar o setor siderúrgico nacional, com produção voltada à transformação do minério de ferro em aço. Para viabilizar sua instalação, o Brasil recebeu uma comissão japonesa de engenheiros e economistas, que trazia

³ **Traçado** se refere à estrutura que organiza o plano urbano — o desenho das vias, quadras, eixos e demais sistemas de circulação que conformam a malha urbana da cidade. **Tecido**, por sua vez, se refere à configuração resultante da ocupação dessa malha, envolvendo a articulação entre lotes, edificações e espaços livres, expressando a forma construída em sua dimensão morfológica. A distinção entre esses termos fundamenta-se na tradição da Morfologia Urbana, conforme discutido por Panerai (2006).

PENSAR FORA DO EIXO

expertise na operação de siderúrgicas e realizou ali seu primeiro investimento internacional pós-Segunda Guerra Mundial.

Figura 2. Plano do Pré-plano de Urbanização.



Fonte: USIMINAS, 1958.

Ipatinga foi definida como sede do empreendimento siderúrgico em razão de sua posição estratégica: a proximidade com a Usina Hidrelétrica de Salto Grande, no rio Doce, a conexão logística proporcionada pela Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) e a inserção na região produtora de minério de ferro do leste mineiro. Esses fatores foram determinantes para a implantação da USIMINAS e desencadearam a necessidade de estruturar um núcleo urbano capaz de abrigar a população operária e técnica vinculada à usina.

PENSAR FORA DO EIXO

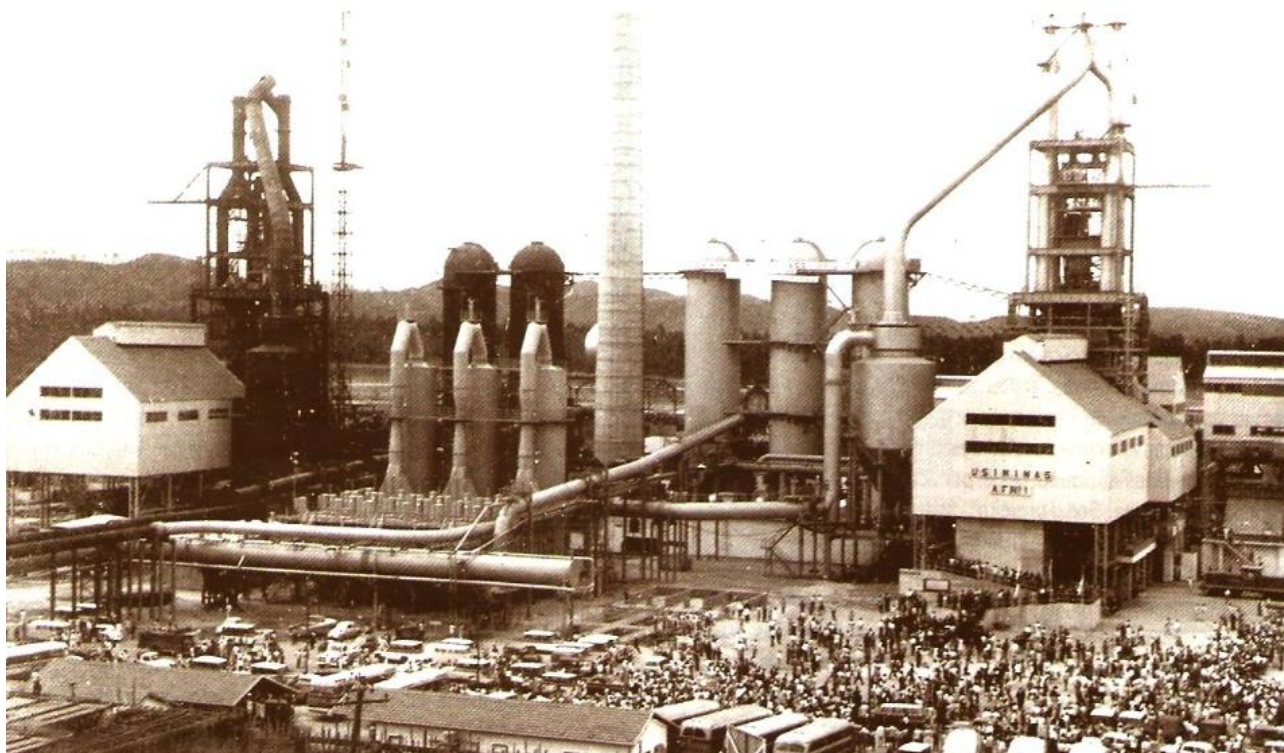
Em 1958, Raphael Hardy Filho⁴ e Marcelo Bhering, venceram o concurso e desenvolveram o plano urbanístico da Vila Operária, incluindo o conjunto habitacional e as diretrizes de uma possível expansão. O projeto estabeleceu os princípios estruturadores do traçado urbano, orientando a consolidação do núcleo inicial e a expansão planejada da cidade, em consonância com o crescimento socioeconômico induzido pela dinâmica industrial da USIMINAS.

O traçado proposto para Ipatinga materializa, no espaço urbano, a rígida estrutura organizacional da própria companhia siderúrgica. O projeto adotou um zoneamento estrito, em que a hierarquia funcional da empresa traduziu-se em uma clara segregação, a qual bairros distintos foram desenhados para abrigar diretores, engenheiros, técnicos e operários; e utilizando o sistema viário e as áreas verdes como solução de conforto, atuando como barreiras físicas de separação entre a usina e a Vila Operária.

Dessa forma, a topografia acidentada do Vale do Aço foi aproveitada pelo desenho urbano modernista para isolar os setores residenciais, evidenciando como a necessidade de setorização, controle e ordem nas residências da Vila Operária, colaborou na concepção da configuração e espacialização urbana.

⁴ **Raphael Hardy Filho** (24/01/1917-06/02/2005) foi arquiteto, engenheiro e professor. Ele foi considerado como um dos precursores da arquitetura modernista em Minas Gerais. A sua carreira é caracterizada por atuar em vários cargos públicos, participar de concursos de arquitetura e atuação acadêmica na Escola de Arquitetura da UFMG.

Figura 3. Registros fotográficos da inauguração altos-fornos da Usina Intendente Câmara.



Fonte: Revista Caminhos Gerais, 2020.

Por sua vez, Planaltina refletiu os princípios da cidade moderna e seguiu a lógica de planejamento adotada para as demais cidades-satélites do Distrito Federal. Sua concepção levou em conta o núcleo urbano preexistente, formado em terras originalmente goianas e incorporadas ao território federal após a delimitação do “Quadrilátero Cruls” em 1892. Planejada como expansão desse núcleo, a nova cidade surgiu para absorver o intenso fluxo migratório provocado pela construção de Brasília, que gerou uma ocupação acelerada e em grande parte desordenada do território.

O projeto da Cidade Satélite foi elaborado pelo arquiteto e urbanista Paulo Barbosa Magalhães⁵, então Administrador Regional de Planaltina. Embora os primeiros estudos datem de 1966, o plano urbanístico só foi implantado na década de 1970, conforme registrado no Geoportal do Governo do Distrito Federal - GDF (1975).

⁵ **Paulo Barbosa Magalhães** (Recife, PE, 1928 ou 1929 – 1986, data provável) foi arquiteto e urbanista com atuação no planejamento territorial do Distrito Federal. Administrador Regional de Planaltina no final dos anos 1960, participou da concepção do plano de expansão da cidade. Datas não confirmadas com precisão documental.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 4. Imagem aérea da Cidade Nova Planaltina - DF - Satélite - 1975.



Fonte: Geoportal DF, 1975.

A urgência em absorver essa massa demográfica forçou o Estado a adotar uma lógica de produção do espaço pautada pela padronização e pelo pragmatismo. O projeto de expansão, que daria origem aos novos setores (como o Setor Residencial Leste), abandonou a escala do pedestre típica do traçado colonial do núcleo histórico fundado no século XIX. Em seu lugar, impôs-se uma malha viária ortogonal, rígida e altamente dependente do transporte rodoviário, projetada para a rápida replicação de lotes residenciais uniformes, em decorrência das necessidades econômicas e políticas.

O que o fez atuar diferentemente do modernismo utópico e monumental do Plano Piloto de Brasília, o traçado implantado em Planaltina reproduziu os preceitos funcionalistas (como o zoneamento e a

PENSAR FORA DO EIXO

via expressa) de forma simplificada e precarizada. A Avenida Independência assumiu o papel de fronteira física, consolidando uma dicotomia morfológica na cidade: de um lado, a organicidade e a memória do núcleo tradicional; do outro, a configuração de uma cidade-satélite erguida sob a lógica da emergência habitacional.

Figura 5. Imagem aérea da Cidade Nova Planaltina, evidenciando os lotes e perfil habitacional.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, 1970.

Por fim, Urbitá é uma cidade nova em desenvolvimento na Região Administrativa de Sobradinho, no Distrito Federal, fruto do desejo de repensar os modelos urbanos vigentes e criar um espaço voltado à escala humana. O projeto busca romper com a lógica das cidades-dormitório e da dependência do Plano Piloto, propondo uma centralidade autônoma, mista e caminhável. Urbitá tem

PENSAR FORA DO EIXO

o objetivo de se mostrar como resposta ao contexto de limitações urbanas de Brasília, buscando equilibrar moradia, trabalho, lazer e serviços em um mesmo território (Birmann, 2023).

A idealização foi conduzida pela Urbanizadora Paranoazinho, sob a direção do empresário Ricardo Birmann⁶, reunindo renomados profissionais e escritórios nacionais e internacionais, como Gehl Architects, DPZ e SOM⁷. As obras foram iniciadas em 2023, quando o projeto se propôs a abrigar até 118 mil habitantes ao longo de 25 anos. Urbitá configura-se como um dos mais ambiciosos empreendimentos urbanos em desenvolvimento no Distrito Federal, símbolo do “novo urbanismo”.⁸

Figura 6. Demarcação de área do projeto etapa 1 de Urbitá.



⁶ **Ricardo Birmann** (1983), graduado em física pela Universidade de São Paulo (USP), é um empresário brasileiro reconhecido por sua atuação no setor imobiliário corporativo, sendo o fundador da Urbanizadora Paranoazinho e chefe executivo da empresa Cidade Urbitá.

⁷ **Gehl Architects**, sediado em Copenhague, Dinamarca; **DPZ CoDesign** (DPZ), sediado em Miami, Flórida, Estados Unidos; e **Skidmore, Owings & Merrill** (SOM), sediado em Chicago, Illinois, Estados Unidos.

⁸ **Novo Urbanismo** – Movimento que surge na década de 1980, nos Estados Unidos, em contraposição ao espraiamento urbano e à segregação funcional associados ao urbanismo modernista, propondo o planejamento de bairros compactos e de uso misto (residencial e comercial), orientados à escala do pedestre. Defende a caminhabilidade, o incentivo ao transporte público, a diversidade funcional e a qualificação do espaço público como princípios estruturadores da forma urbana. (CONGRESS FOR THE NEW URBANISM, 1996).

Fonte: Urbanizadora Paranoazinho, 2018.

Em contraposição ao paradigma rodoviarista e à segregação funcional (característicos tanto do Plano Piloto quanto das cidades-satélites iniciais), a Morfogênese de Urbitá é desenhada para emular a complexidade da cidade tradicional. O projeto propõe o resgate da quadra fechada clássica, da rua-corredor e da fachada ativa, utilizando o traçado viário como elemento de costura do tecido social.

No entanto, essa simulação de organicidade urbana ocorre dentro de uma moldura fundiária altamente controlada pela iniciativa privada. A estruturação interna do empreendimento busca atrair fluxos e garantir vitalidade no nível do pedestre, configurando-se como uma ilha de novo urbanismo que precisa negociar seus acessos pelas barreiras físicas dos condomínios horizontais murados em sua área perimetral.

Figura 7. Demarcação de área do projeto etapa 1 de Urbitá.



Fonte: Urbanizadora Paranoazinho, 2018.

3 REPERTÓRIO TEÓRICO METODOLÓGICO

PENSAR FORA DO EIXO

A Morfologia Urbana constitui o campo disciplinar voltado à apreensão da forma física dos assentamentos humanos, investigando os elementos estruturadores do urbano: a rua, o lote, a quadra e o edifício, como produtos de processos sociais, espaciais e culturais cristalizados no tempo. Para compreender a complexidade da forma, interessa-se recorrer ao conceito de Morfogênese, entendida por Costa e Netto (2015) como a origem e a configuração inicial das paisagens urbanas históricas. Neste artigo, a Morfogênese é operacionalizada por meio da análise do traçado e do tecido, elementos que, segundo Panerai (2006), estruturam-se pela imbricação indissociável entre a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações. Sob essa ótica, compreende-se que a gênese da forma não ocorre no vazio, mas é condicionada por pré-existências circunscritas ao sítio físico e às limitações paisagísticas, atuando como um emolduramento decisivo na conformação territorial inicial das Cidades Novas aqui analisadas.

Figura 8. Objetos na mesa de trabalho e criação da aproximação das três CNs.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

PENSAR FORA DO EIXO

Nesse sentido, o “*Pensar por Atlas*” é uma estratégia que permite colocar sobre uma mesa de trabalho objetos heterogêneos, distantes no tempo (1950, 1970, 2020) e no espaço (Minas Gerais, Distrito Federal), para identificar elementos e afinidades morfológicas que o aporte mais tradicional não seria capaz de trazer à tona.

Ao dispor Ipatinga, Planaltina e Urbitá lado a lado, e em contrapartida ao tentar definir uma evolução linear das CNs brasileiras, este esforço intelectual é da visualização de uma *nebulosa* (Trevisan, 2018). Esta nebulosa revela que, sob a aparente disparidade conceitual (do modernismo industrial ao novo urbanismo), opera-se uma mesma lógica estrutural: o condicionamento do traçado pelas pré-existências, que é narrativa ao qual esta investigação se apoia ao fazer a leitura dos exemplares.

O Atlas funciona, portanto, como o método heurístico que permitiu identificar a moldura⁹ e as pré-existências como os elementos comuns que conectam a *company town* moderna, a cidade-satélite e ao empreendimento imobiliário contemporâneo, validando a análise comparativa através da forma urbana, e não apenas da função ou do período histórico das CNs.

O emolduramento morfológico pode ser compreendido como o conjunto de estruturas territoriais: topográficas, viárias, urbanísticas e paisagísticas, que condicionam a forma como a cidade se organiza, se apresenta e se desenvolve, evidenciando os limites e as possibilidades de sua expansão. Em Panerai (2006), essa noção aproxima-se da ideia de *structure urbaine*¹⁰, fundada no princípio segundo o qual a cidade é sempre uma forma construída sobre outra forma. Assim, toda configuração urbana nasce de um molde prévio, seja ele natural ou produzido pela ação humana.

Partindo desse princípio e, adotando um modo de leitura inspirado no “Pensar por Atlas” e na metáfora da “imagem da nebulosa”¹¹, que sugere camadas, densidades e zonas de opacidade no processo de formação das cidades, esta análise busca apresentar a tese central da narrativa: embora distintas em origem, tempo e propósito, Ipatinga (MG), Planaltina (DF) e Urbitá (DF)

⁹ **Moldura** se apresenta como elementos endógenos e exógenos identificados nas pré-existências dos projetos das CNs aproximadas.

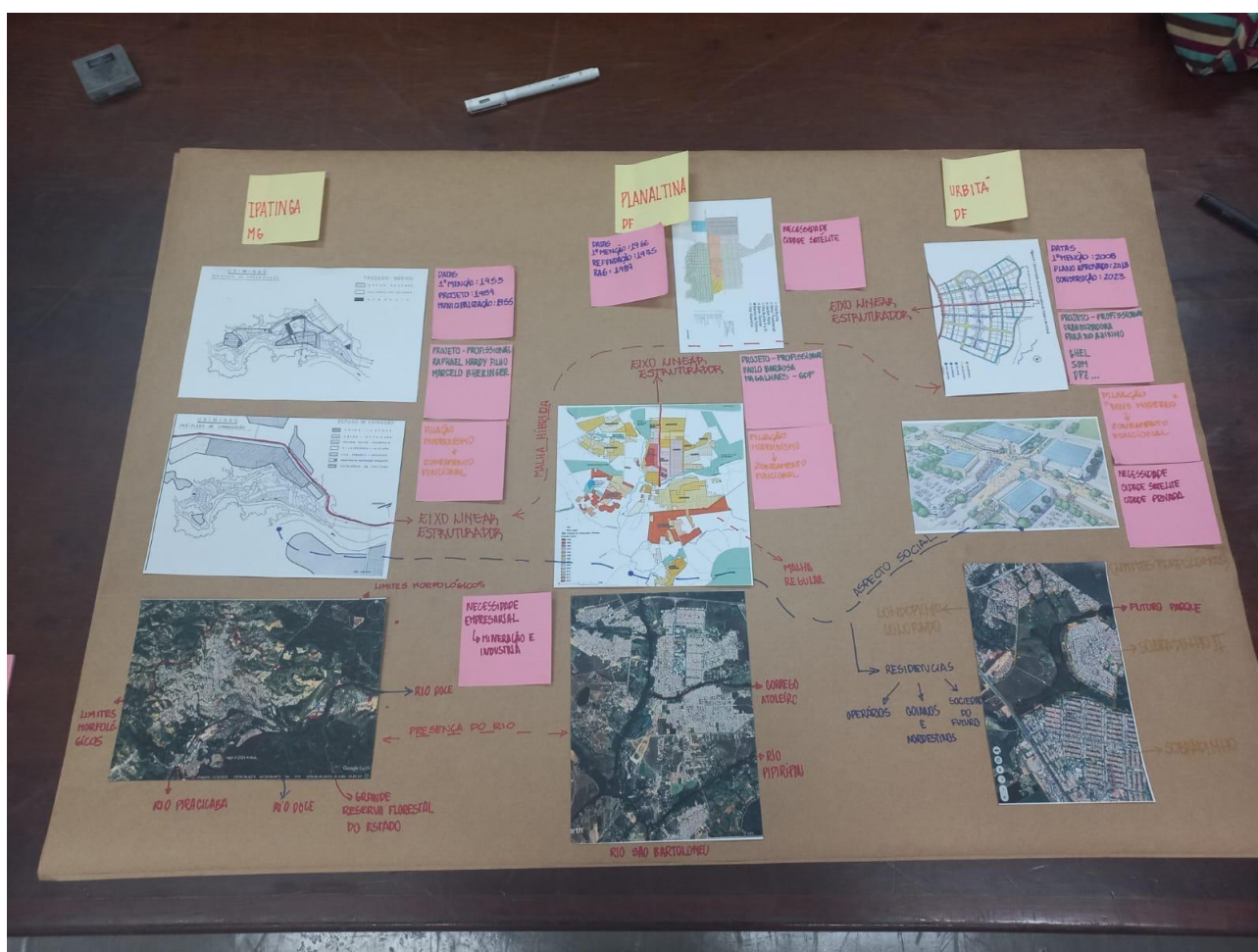
¹⁰ **Structure urbaine** é o conjunto de permanências territoriais e urbanas que organizam a forma e o funcionamento da cidade, constituindo o esqueleto estrutural que orienta e sustenta sua transformação ao longo do tempo.

¹¹ **Imagem de Nebulosa** é uma metáfora proposta em *Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Modos de Pensar*, para designar formas de conhecimento que não se organizam linearmente, mas por forças, relações, sobreposições e aproximações, permitindo compreender o objeto de estudo como um campo em movimento e a exercitar um “pensamento em nebulosa” sobre o urbanismo. (Jacques e Pereira, p. 15, 2018).

PENSAR FORA DO EIXO

compartilham um mesmo denominador comum. Em todos os casos, seus projetos foram condicionados e “emoldurados” por conjuntos de forças que antecedem e orientam o desenho urbano. São essas pré-existências: físicas, programáticas, sociais ou infraestruturais, que configuram tanto a materialidade do território quanto as intenções do projeto. Neste enquadramento, tornam-se fundamentais duas dimensões que estruturam a interpretação comparativa.

Figura 9. Resultados parciais das aproximações entre as três CNs.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

A *Moldura Externa*: é composta pelos limites morfológicos, pela topografia e pelas pré-existências físicas ou infraestruturais que precedem o ato de projetar; essa moldura define os contornos possíveis da urbanização. Corresponde à camada territorial que sustenta o emolduramento morfológico, aquilo que Panerai (2006) identifica como o conjunto de condições fundantes sobre as quais a forma urbana se inscreve. Inclui tanto os elementos naturais: curvas de nível, cursos d’água,

PENSAR FORA DO EIXO

declividades, solos, quanto às permanências construídas: vias estruturais, parcelamentos anteriores, redes técnicas, que funcionam como um molde prévio e inescapável para o desenho da cidade.

A *Moldura Interna* é constituída pelas necessidades sociais e programáticas, pela função-moradia e pelos públicos a que cada assentamento se destinava, ela orienta as escolhas internas do traçado e os modos de ocupação. Trevisan (2020) observa que, diferentemente das cidades que crescem “espontaneamente”, as cidades novas são marcadas por uma intenção de ordem: seu traçado é racionalmente concebido e, mesmo quando aparenta ser irregular, obedece a uma lógica interna. Nessa perspectiva, Panerai (2006) destaca que a forma urbana resulta da articulação entre tipos edificadas, usos do solo e organização viária, na qual as exigências funcionais e sociais atuam como estruturantes. Assim, a Moldura Interna corresponde ao conjunto de prescrições programáticas, tipológicas e sociais que orientam a conformação do tecido urbano, definindo padrões de ocupação, densidades e relações entre espaços públicos e privados.

A leitura conjunta das três cidades permite aproximá-las não por semelhanças formais, mas pela lógica que preside suas formações: todas são moldadas pela articulação entre essas duas molduras, que ora limitam, ora impulsionam os caminhos do crescimento urbano. Em Ipatinga, a presença industrial organiza a hierarquia territorial; em Planaltina, o sítio histórico e o traçado colonial funcionam como a pré-existência estruturadora; já em Urbitá, o plano urbano contemporâneo e o posicionamento entre condomínios consolidados assumem o papel de matriz fundante.

Mais do que diferenças de época, escala ou intenção projetual, é essa moldura inicial — externa e interna, que confere inteligibilidade às permanências e aos modos de crescimento das três cidades, permitindo uma leitura comparativa sensível ao território, ao projeto e às dinâmicas socioeconômicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise cruzada revela que a forma urbana das três CNs não resulta de uma geração espontânea, mas da reação do projeto a condicionantes urbanos ligados à sua pré-existência. Utilizando as categorias de análise de Panerai (2006), procede-se à decomposição da Morfogênese de cada caso a partir da identificação de seus elementos reguladores.

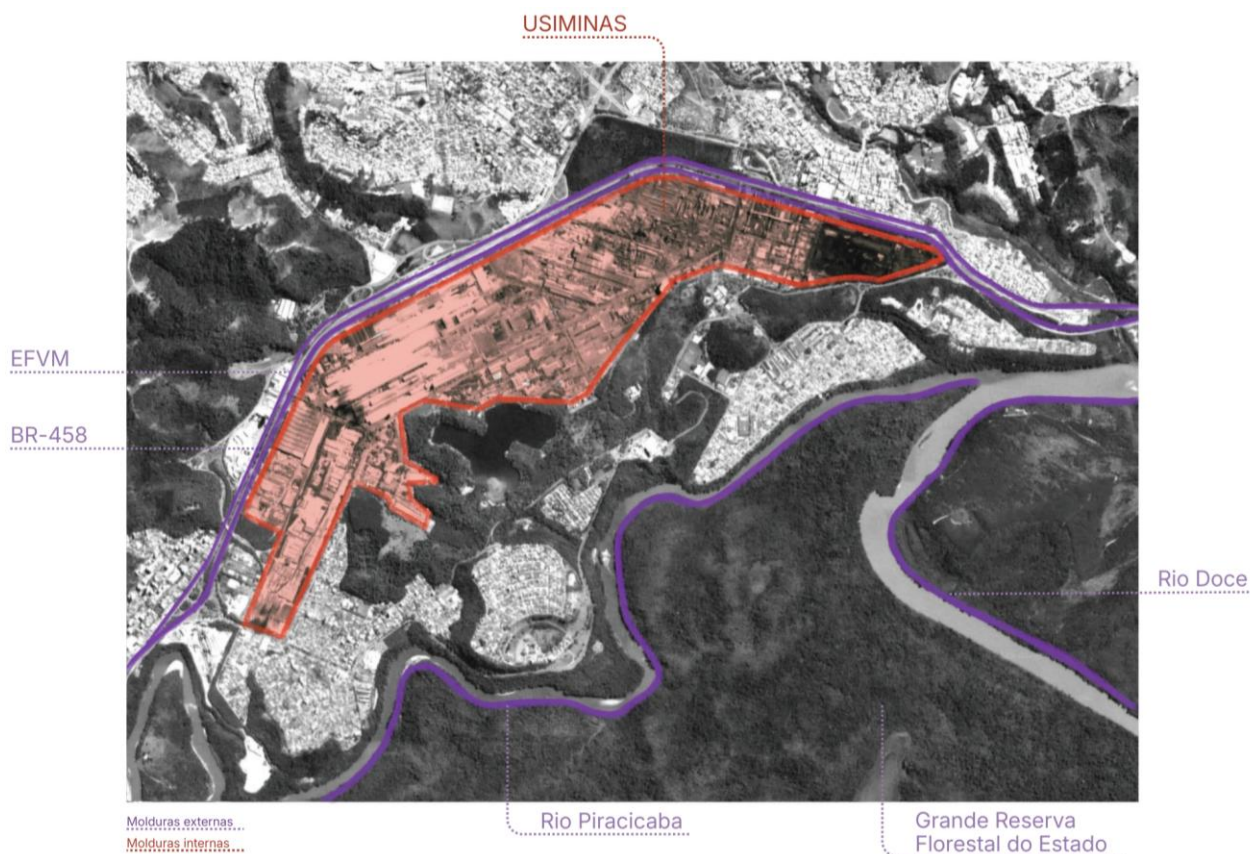
PENSAR FORA DO EIXO

No caso de Ipatinga, a moldura é marcada pela presença estruturadora do complexo siderúrgico da Usiminas, cuja implantação industrial definiu vetores de crescimento e hierarquizou a configuração espacial. O projeto de Raphael Hardy internaliza esses limites morfológicos, configurando a ocupação. Conforme a definição de Panerai (2006, p. 67), o projeto foi moldado por barreiras de crescimento. De um lado, a barreira geográfica do Rio Piracicaba; do outro, a barreira construída da ferrovia Vitória Minas, inaugurada em 1922 no território de Ipatinga, e das rodovias BR-381 e a BR-458, constituídas na década de 1960, formam um eixo infraestrutural rígido. Panerai explica que tais obstáculos, sejam naturais ou técnicos, "impedem o crescimento do tecido urbano sob a forma de uma soma de crescimentos lineares" (Panerai, 2006, p. 67), forçando a cidade a se densificar internamente ou a se fragmentar.

A moldura interna, por sua vez, expressa-se nas demandas habitacionais e funcionais da cidade operária, que orientaram tanto o traçado quanto a organização dos bairros planejados. A moldura interna (a hierarquia da Usiminas) responde a essa premissa através de um zoneamento funcionalista. O tecido resultante reflete a crítica que Panerai faz à aplicação da *Carta de Atenas*, em que "um dos termos da relação vias/lotes/construído foi suprimido" (Panerai, 2006, p. 98). Em Ipatinga, a via não costura o tecido, ela isola setores pela hierarquia de operários e engenheiros.

Figura 10. Diagrama de identificação de molduras externas e internas de Ipatinga.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

Uma das maiores regiões administrativas do Distrito Federal em extensão, Planaltina expressa seu emolduramento morfológico nas amplas áreas de proteção ambiental que estabelecem limites físicos e regulatórios (moldura externa) e a coexistência entre o núcleo histórico, cujo traçado resiste do século XIX (moldura interna vinculada às funções e necessidades originais), condicionam a expansão contemporânea. A Avenida Independência atua como o elemento regulador central, funcionando simultaneamente como linha de crescimento (Panerai, 2006, p. 59), que estrutura a expansão longitudinal, e como uma cicatriz de ruptura entre dois traçados distintos. As áreas de preservação ambiental do Rio São Bartolomeu e do Córrego Atoleiro moldam os limites da cidade de Planaltina. Concomitantemente, a Estação Ecológica de Águas Emendadas atua no processo restrição do traçado, sendo considerada uma das unidades de conservação mais significativas do Distrito Federal, qual tem como objetivo a preservação da biodiversidade e das nascentes que alimentam as bacias dos rios Tocantins e São Francisco (IBRAM, 2022).

Por sua vez, a moldura interna se dá pelo contraste entre o Setor Tradicional e a Cidade Nova de Planaltina, criando uma fronteira temporal. Do lado leste (Setor Tradicional), observa-se um traçado

PENSAR FORA DO EIXO

espontâneo, fruto de uma sedimentação histórica onde "o parcelamento conserva a memória de estados anteriores do território" (Panerai, 2006, p. 89). Do lado oeste (Cidade Nova), impõe-se uma malha ortogonal, típica da produção estatal de massa e da tipologia urbanística dotada nas décadas de 1960 e 1970 para cidades consideradas periferias. Essa tipologia de traçado urbano se deu pela racionalidade do processo de construção e o seu barateamento, contando com influências projetuais inglesas e francesas como as *new towns* e *villes nouvelles* (*ibid.*). A referência a *new towns* inglesas foi feita por Ernesto Silva, diretor, entre 1956 e 1961, da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) defendendo a tipologia projetual e a ideia de uma cidade-satélite em "quem mora lá, trabalha lá" (Silva, 1987, p. 3).

A análise de Panerai sobre a justaposição de traçado ilumina este contraste: a "mudança de escala tipológica" (Panerai, 2006, p. 117) entre o lote individual do núcleo antigo e as quadras projetadas da expansão revela a mudança do agente produtor. O grande setor de serviços posicionado entre os dois núcleos funciona como uma zona de transição, confirmando a tese de que "a existência de limites físicos ao desenvolvimento da aglomeração deixa marcas evidentes na constituição do tecido" (Panerai, 2006, p. 68), mesmo quando esse limite é desenhado administrativamente para mediar conflitos sociais.

Figura 11. Diagrama de identificação de molduras externas e internas de Planaltina.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

Em Urbitá, a morfogênese é ditada pela propriedade privada. A forma da cidade é a geometria da gleba. Panerai (2006, p. 86) define que os recortes fundiários e parcelares são elementos constitutivos primordiais do tecido urbano. Aqui o emolduramento assume outra configuração. A implantação do projeto ocorre em um interstício urbano delimitado por condomínios já consolidados de Sobradinho (DF), configurando barreiras físicas e fundiárias que restringem sua expansão horizontal e inibem um crescimento esparsos. Esse condicionamento impõe ao desenho urbano uma lógica interna mais concentrada, regulada e contida.

Já a moldura interna é expressa nas demandas funcionais e habitacionais de um empreendimento imobiliário. Como a maioria dos empreendimentos do século XXI, ele é limitado por uma gleba privada, determinando legalmente até onde a cidade pode se expandir. Mesmo sendo um negócio que visa o lucro da Urbanizadora Paranoazinho e a extrema capitalização do habitar, o projeto busca implementar medidas do novo urbanismo e romper com o modernismo de Brasília recuperando a tríade viária clássica descrita por Panerai: a articulação entre vias, parcelamento e

PENSAR FORA DO EIXO

edificações (Panerai, 2006, p. 77). Urbitá propõe o resgate da rua corredor e da fachada ativa, tentando restabelecer a "relação rua/parcelas [como] o fundamento para a existência do tecido urbano" (Panerai, 2006, p. 87).

Figura 12. Diagrama de identificação de molduras externas e internas de Urbitá.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

Em seguida, desenvolve-se a aproximação a partir de uma síntese (Quadro 1) dos fatores internos e externos que intervêm diretamente no traçado urbano de cada cidade, enfatizando o papel do emolduramento territorial como princípio fundamental e estruturador do projeto das respectivas CNs.

PENSAR FORA DO EIXO

Quadro 1. Síntese das molduras externas e internas de Ipatinga, Planaltina e Urbitá.

Moldura	Ipatinga (MG)	Planaltina (DF)	Urbitá (DF)
Externa	- EFVM; - BR-458, BR-381; - Rio Doce; - Rio Piracicaba; - Topografia; - Grande Reserva Florestal do Estado.	- Área de preservação permanente do Rio São Bartolomeu; - Área de preservação ambiental do Córrego Atoleiro.	- Cidades-satélites de Sobradinho I e Sobradinho II, - Área de preservação.
Interna	- USIMINAS.	- Núcleo histórico (Setor Tradicional).	- Loteamento da Fazenda Paranoazinho.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a premissa — *Cidades novas: a moldura do quadro dita a regra*, que dá título ao artigo, permite sintetizar a reflexão aqui desenvolvida: compreender as três cidades analisadas: Ipatinga (MG), Planaltina (DF) e Urbitá (DF), exige considerar as “molduras” que acompanharam e orientaram seus processos de formação. Essas molduras não determinam integralmente suas trajetórias, mas oferecem o enquadramento inicial que ajuda a explicar as configurações que cada uma veio a assumir. Tal como ocorre em uma pintura, na qual a moldura antecede e, em certa medida, orienta o modo como a imagem é percebida, também a formação urbana se dá a partir de estruturas prévias que balizam, condicionam e tornam possíveis determinadas conformações espaciais.

Ao longo da análise do plano de expansão, observou-se que as molduras externas e internas operam como vetores estruturantes do projeto urbano. A moldura externa, composta pelas condicionantes físico-territoriais, pela topografia, pela hidrografia e pelas preexistências, delimita o campo de possibilidades de implantação e orienta as decisões formais. Já a moldura interna, vinculada aos programas, às demandas habitacionais, às expectativas sociais e às intenções projetuais, organiza o traçado urbano, estruturando-o para atender a conteúdos funcionais e pragmáticos específicos. A leitura inspirada no “*Pensar por Atlas*” e na metáfora da “imagem da nebulosa” permitiu reconhecer que, apesar de trajetórias distintas, as três cidades pesquisadas emergem de camadas de condicionantes que antecedem sua forma final e continuam a ultrapassá-la.

PENSAR FORA DO EIXO

Compreender uma cidade nova não significa buscar uma origem pura, um gesto inaugural autônomo ou um traçado concebido *ex nihilo*. Ao contrário, implica reconhecer que todo projeto urbano nasce inscrito em sistemas prévios de permanência e de intenção, compreensão que se aproxima da noção de *genius loci*, tal como formulada por Christian Norberg-Schulz (2006), ao admitir que o território não constitui suporte neutro, mas condição ativa na conformação da forma urbana.

Ipatinga estrutura-se a partir da matriz industrial que organiza o território; Planaltina conforma-se na relação entre o sítio histórico e os condicionantes ambientais; Urbitá evidencia com clareza como o vazio e os limites morfológicos precedem a própria cidade. Delimitada pelos muros dos condomínios que a circundam, ela se apresenta como um traçado ainda virtual, uma cidade que não existe, mas já se anuncia. Nesse contexto, o empreendimento de Ricardo Birmann parece anteceder a própria materialização do lugar, operando como resposta prévia às limitações urbanas de Brasília.

A leitura cruzada dos três casos revela que a criação de CNs, frequentemente mitificada como um ato de liberdade projetual, é, na realidade, um exercício de acomodação em molduras rígidas, no qual a invenção formal cede lugar à adaptação das intenções do projeto aos limites e pré-existências territoriais. Assim, em todas elas, a moldura não apenas orienta o desenho: constitui a chave de leitura indispensável para compreender a lógica de formação dessas cidades e, retomando a metáfora evocada no título, é ela que, mais do que “ditar a regra”, torna visível e inteligível a própria imagem urbana que se apresenta.

Ademais, o debate reafirma uma chave interpretativa essencial: cidades novas não são criações *ex nihilo*, mas composições resultantes da interação entre forças pré-existentes e decisões projetuais. Reconhecer essas molduras: materiais, históricas, sociais e programáticas, torna-se condição fundamental para compreender seus modos de formação, seus ritmos de crescimento e suas possibilidades futuras.

Considera-se, portanto, que o atributo *projeto* nas cidades novas é uma variável dependente. Seja sob a ótica do Estado desenvolvimentista, do Estado planejador ou do capital imobiliário, o traçado urbano emerge da tensão entre o sítio (a moldura externa) e a necessidade (a moldura interna). A regra ditada pela moldura, evidenciada pela leitura das três cidades, mostra que a morfogênese dessas CNs é, em última instância, a história de como o desenho se adapta para caber dentro de seus próprios limites.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Os autores agradecem ao Professor Ricardo Trevisan pela orientação, supervisão e contribuições críticas compartilhadas durante o desenvolvimento deste trabalho. Esta investigação é fruto das pesquisas cruzadas e debates iniciados no âmbito da disciplina Cidades Novas, realizada no segundo semestre de 2025 junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB), cujo espaço acadêmico foi fundamental para a consolidação do presente artigo.

REFERÊNCIAS

COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

DISTRITO FEDERAL. Instituto Brasília Ambiental (IBRAM). **Estação Ecológica de Águas Emendadas**. Disponível em: <https://www.ibram.df.gov.br/estacao-ecologica-aguas-emendadas/>.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação. **Geoportal de Brasília: imagem aérea de Planaltina, 1975**. Brasília, DF: SEDUH, 1975. Disponível em: <https://geoportal.seduh.df.gov.br/>.

GOOGLE. Google Earth Pro. Imagem de satélite de [Ipatinga - MG]. Coordenadas: [19° 28' 04" S; 42° 32' 13" O]. Data da imagem: 11/08/2025. Disponível em: <https://earth.google.com/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

GOOGLE. Google Earth Pro. Imagem de satélite de [Planaltina - DF]. Coordenadas: [15° 37' 00" S; 47° 41' 00" O]. Data da imagem: 11/08/2025. Disponível em: <https://earth.google.com/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

GOOGLE. Google Earth Pro. Imagem de satélite de [Sobradinho - DF]. Coordenadas: [15° 39' 15" S; 47° 47' 17" O]. Data da imagem: 11/08/2025. Disponível em: <https://earth.google.com/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I - modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018.

MOUDON, Anne Vernez. *Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field*. **Urban Morphology**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 3–10, 1997. DOI: 10.51347/jum.v1i1.4047. Disponível em: <https://journal.urbanform.org/index.php/jum/article/view/4047>.

MENDONÇA, Roxane Sidney Resende de. **O urbanismo modernista em Minas Gerais: o caso "Ipatinga"**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.



PENSAR FORA DO EIXO

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci: paisagem, ambiente, arquitetura*. Tradução de Eduardo Nobre. São Paulo: Martins Fontes, 2006

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília: EDUnB, 2006.

REVISTA CAMINHOS GERAIS. **Uma pequena história da Usiminas**. *Revista Caminhos Gerais*, [11 de junho], [2020]. Disponível em: <https://revistacaminhosgerais.com.br/videos/uma-pequena-historia-da-usiminas/>. Acesso em: 15 out. 2025.

TREVISAN, Ricardo. **Cidades Novas**. Brasília: EdUNB, 2020.

TREVISAN, Ricardo. Pensar por atlas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico: tomo I - modos de pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 46-69.

SILVA, E. Ernesto Silva: depoimento [ago. 1987]. Entrevistadores: M. Santos, M. Ramos e T. Sousa. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 21 pgs. **Entrevista concedida ao Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal**. Brasília, 1987.

URBANIZADORA PARANOAZINHO S.A. **Memorial Descritivo – Plano de Urbanização – Urbitá – Fazenda Paranoazinho (MDE-PDU)**. Brasília, 2018.